

NARRATIVAS DE SI, HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS NOS RELATOS DE MULHERES IDOSAS DA COMUNIDADE BREJOS DOS AGUIAR/IBICOARA-BA: O PERTENCIMENTO COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.

Marisela Rocha Pi ²

Resumo: O presente texto parte do pressuposto que a abordagem autobiográfica pode ser considerada especificamente, quando se refere às “estórias de vida”, vista como uma fonte de informação sobre o contexto social, além de uma evocação do sujeito e uma reflexão, resultado da relação entre as biografadas e a pesquisadora. A investigação, desenvolvida com base nas vozes de mulheres idosas da comunidade Brejos dos Aguiar/Ibicoara-BA, especificamente sustentada em métodos (auto)biográficos, o que, enquanto pesquisadora sedada neste paradigma investigativo e focalizada nos estudos de mulheres idosas, me tem colocado questões de várias ordens, seja em termos das finalidades, dos processos de construção, bem como dos procedimentos éticos que comportam, e da interpretação das narrativas biográficas dessas mulheres para compreender o pertencimento como construção da identidade. Essas reflexões estão sendo desenvolvidas a partir das narrativas biográficas, obtidas nas rodas de conversas ao redor do fogão de lenha, cenário principal dos diálogos corriqueiros com as mulheres cafeicultoras. Os métodos (auto)biográficos, integram um conjunto alargado de formas, cujo núcleo comum é o relato da vida do sujeito

² Universidade do Estado da Bahia, Campus XII/ Guanambi, mariselaroc@gmail.com.

² Universidade do Estado da Bahia, Campus II/ Alagoinhas. jailmapedreira@uol.com.br
(Orientadora)

biografado, seja por outrem - no caso das biografias - seja pelo próprio - no caso das (auto)biografias, histórias de vida, diários, memoriais, entre outras modalidades. A participação efetiva das biografadas, com o uso das suas vozes, isto é, a partir das suas experiências, reflexividades, decisões sobre o que narrar, faz a diferença entre umas e outras, superando a fronteira entre ser objeto ou sujeito de investigação. Para essa reflexão, além da leitura dos textos, contarei com o auxílio teórico de autoras e autores que discutem a abordagem autobiográfica entre outras. Dentro desse campo citamos Bossi (1994), Burke (1995), Certeau (2007), Foucault (1992), Josso (2002, 2007), Kofes (1994), Hall (2015), Larrosa (2003), Moreira (2016), Passeggi (2008), Pereira e Silva (2020), Pollak (1989), Ribeiro, Souza, Sampaio (2018), Ricoeur (2009), Souza (2006), entre tantos outros. Assim, espero expandir a discussão sobre narrativas, identidade, memórias e conversação.

Palavras-chave: Narrativas. Histórias de vida. Memórias. Pertencimento. Identidade

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, objetivamos refletir sobre as narrativas histórias de vida e memórias nos relatos de mulheres idosas da comunidade dos Brejos dos Aguiar/Ibicoara-BA e o pertencimento delas na construção da identidade. Buscamos analisar o protagonismo dessas mulheres em espaços sociopolíticos, econômicos e culturais de maneira ampla, a fim de entender como se dão suas relações sociais, que se encontram em permanente transformação no âmbito da estrutura familiar, da perspectiva cultural-subjetiva e das intervenções dos meios de produção agrícola.

Nessa caminhada, procuramos acompanhar, ler e traduzir os passos de vida destas mulheres. Buscamos ouvir, observar seus movimentos, os saberes que criavam e criam, colocando-os em prática. Os saberes, inclusive, da arte de fazer o café, que cultivam em seus roçados. Cumprindo as prerrogativas de anonimato postas pelo comitê de ética, as quatro mulheres que elegemos para relatar as suas narrativas, chamaremos por nomes de tipos de grãos de café: *Arábica, Bourbon, Kona e Catuai*.

A partir das observações dos seus passos, começamos a nos questionar: o que teriam a dizer estas mulheres? Que saberes revelam? Que importância teriam esses saberes? Como foi e tem sido suas vidas? Como ouvi-las, por fim?

Para este momento, a metodologia se insere nos domínios da pesquisa narrativa, porque por este caminho é possível alcançar as experiências individuais, de um ou mais sujeitos, sempre localizados em histórias coletivas. Esta metodologia permite analisar histórias vividas e contadas pelos indivíduos, podendo ser organizada/estruturada a partir de temas enfatizados pelos sujeitos nos vários períodos do curso de suas vidas (CRESWELL, 2014). Assim, por mais que as mulheres idosas entrevistadas compartilhem de experiências relativamente semelhantes, seus relatos orais também são singulares.

Nesse sentido, buscamos, como dissemos, exercitando um diálogo com autores e autoras condizentes, assim como uma sensibilidade crítica, ouvir essas mulheres, refletir sobre as demandas que encenam os saberes que semeiam.

MEMÓRIAS DE MULHERES IDOSAS:

As pesquisas têm mostrado que para as/os idosas/os, o círculo de amigas/os, comparado à vivência em família, tem representado maior satisfação de vida na velhice. Dessa forma, a

organização de mulheres pode ser um fator importante para essa faixa etária, pois, muitas vezes, mulheres idosas continuam fazendo uma luta silenciosa, de resistência ao modelo capitalista no campo, onde vêm preservando e reproduzindo saberes populares na produção de alimentos, ainda que muitas vezes lhes faltem as forças para longas caminhadas e trabalhos mais pesados.

Extraídas de anotações e gravações obtidas durante diversos momentos de reuniões da associação de produtores rurais, das rodas de conversas, dos almoços de domingo, dos rituais de café da tarde, de colheita, torra e moagem do café, assim como dos momentos de organização dos festejos do padroeiro da comunidade São Francisco, as narrativas das mulheres idosas que temos escutado em nossa caminhada de pesquisa, permitem-nos tecer algumas considerações importantes sobre memória, gênero e trabalho.

Nos estudos sobre idosas/os, visibilizar a memória individual é importante para não homogeneizar um grupo tão heterogêneo. Nessa discussão, a noção de tempo e espaço se faz relevante. Resgatando a ideia de Debert, Barros (2004) assegura que a individuação das/os idosas/os ocorre a partir do momento em que são responsáveis por um envelhecer mais digno, saudável, seguro e agradável. Para tanto, elas/eles devem se ater a cumprir algumas exigências que vão desde uma boa alimentação, que, em nosso caso, elas mesmas, mulheres idosas, têm o prazer de preparar, perpassando por cuidados físicos e mentais e vão até questões ligadas a um engajamento com outras/os idosas/os e jovens da comunidade, bem como com as atividades ligadas a uma vida ativa, que proporciona várias formas de convivência. Para a autora, enquanto as mulheres enfatizam autonomia e a liberdade como valores alcançados na velhice, para os homens é a

lucidez que lhes garantiria, nas idades mais avançadas, o conhecimento da realidade social e política em que se encontram.

É importante pontuar que mesmo sendo a vida rural cheia de limitações, percebemos no discurso das entrevistadas, por exemplo, a inquietação em aprenderem uma atividade, para movimentá-la-ás de alguma maneira. Percebemos também uma preocupação com a educação, pois a vida na roça não propiciava um nível de estudo maior e por isso nenhuma delas estudou. Enfim, observamos uma gama de signos criados por elas que apontam para uma conformação, indignação, mas, principalmente, para uma atividade por parte destas que deslocam um saber fixado para mulheres, para mulheres idosas, para mulheres idosas rurais. É o que veremos a seguir, quando aqui compartilharemos trechos dessas narrativas ouvidas, como o primeiro que abaixo logo segue:

Eu sou nascida no ano de 1945, fui criada junto com meus irmãos na roça, ajudando o pai nas labutas da roça. Eu era encarregada de ajudar na casa de farinha naquela época e levava o café pra quem estava lá, ajudando a descascar a mandioca. Eu gostava de me esconder de noite atrás da casa de farinha e me embrulhava num lençol branco e assustava as pessoas que passavam na estrada. Oh, tempo bom! Mas como eu era muito atenta e ficava pirraçando, acabei não casando por que os rapazes diziam que eu não servia para ser dona de casa e mãe de família. Acabei ficando velha e não consegui casar. Acabei solteira e dou graças a Deus por isso, já viajei um bocado, fui em muitas festas e ajudei na criação dos meus sobrinhos, quando a minha irmã mais velha morreu. [...] Sempre trabalhei na roça e tirei o meu sustento de lá, antes só plantava café, mas hoje a nossa roça variou, temos banana, abacate, horta, manga, mas só fui ter um dinheiro seguro mesmo quando aposentei, mesmo que pouquinho (*Kona*, 77 anos, aposentada rural).

Percebemos na narrativa dessa entrevistada, que ela pensa ser o seu comportamento o determinante por não ter conseguido casar, o que naquela época era questão de desonra para a família. Observamos, portanto, como, na sua memória, ela já fugia de um padrão determinado de mulher para casar, ela era muito “atentada e ficava pirraçando”. Em seguida, observamos, em sua narrativa, como ela dá graças a Deus por ser solteira, visto que isto lhe permitiu ir em festas, viajar e até cuidar de sobrinhos, quando necessário. Nesse momento já vamos percebendo como essas mulheres rasuraram um saber patriarcal, que ditava e ainda dita o que mulheres deveriam fazer, como deveriam ser.

Na narrativa memorialística de *Kona*, esse seu não enquadramento neste contexto patriarcal, esta rasura que fez deste, é visto como algo bom, que lhe permitiu justamente ser e fazer outras coisas, lhe permitiu, portanto, furar um cerco, uma espécie de aprisionamento, de fixidez subjetiva para o feminino.

Na narrativa de *Kona*, percebemos também como o trabalho na roça é duro e feito por mulheres, além dos homens. Nesse sentido, percebemos como a jornada feminina é múltipla, pois se considerarmos o trabalho que lhe foi reservado em casa, ainda temos que contar com o que faz no roçado. Nesse contexto, também verificamos, pelas palavras de *Kona*, que graças a este trabalho no campo tem tirado o seu sustento, mostrando como é possível sobreviver nesse espaço, embora nossa interlocutora reforce a importância do recurso da aposentadoria que lhe chegou. Mas, que não a impediu de continuar efetivando sua autonomia, garantindo, literalmente, seu próprio sustento. Assim, até hoje ela trabalha na roça, está tratando de uma enfermidade na pele e se mostra muito disposta a narrar suas histórias.

De outra perspectiva, apontando para uma complementaridade das ações, estudos também apontam para uma grande satisfação das/os idosas/os que permanecem, de

alguma forma, vinculados/as ao trabalho que desenvolviam anteriormente. Isso, inclusive, observamos na satisfação de *Kona* quando está na horta e na torra do café.

Arábica, faz o seguinte depoimento:

Eu tb não casei, por que não quis mesmo. Fui ajudar minha mãe a criar os filhos da minha irmã que faleceu de câncer. E eu sempre fui muito tímida, mas gosto de fazer amizades e que venham tomar um café aqui em casa. Eu mesma torro e faço a moagem do café. Adoro fazer um biscoito frito... Minha sobrinha teve um câncer de útero e estava grávida e eu acabei criando a filha dela que nasceu com problemas na cabeça. Minha sobrinha melhorou e teve mais outros filhos... Eu gosto de ter todos os sobrinhos e amigos no domingo na minha casa para almoçar... Quando conseguimos colocar internet aqui na comunidade, minha vizinha que é professora me deu um celular para que pudéssemos nos falar e me ensinou a usar o zap. Mas eu só sei enviar áudio, pois sei escrever pouquinho. Eu gosto muito de ir na Igreja que temos na nossa comunidade, o nosso padroeiro é São Francisco. Aos sábados levo o almoço para o médico e a enfermeira que vem na escola que está fechada para atender o povo da comunidade e vacinar. A nossa comunidade era só de pessoas da família, mas de uns 15 anos pra cá vieram umas 3 famílias pra morar e trabalhar nas terras que eram nossas e nós vendemos pra eles. Foi muito bom pois aprendemos muitas coisas, principalmente a abandonar os venenos que jogávamos nas prantas. Meus irmãos é que sempre trabalharam na roça e eu dentro de casa, mas tem uns anos que aposentei e passei a ter um dinheiro meu (*Arábica*, 67 anos, aposentada rural).

No que diz respeito a narrativa acima, vimos novamente o repúdio ao casamento, reforçado pela afirmativa “não quis mesmo”. Salta aos olhos, inclusive, a narrativa que aponta para um certo assenhoramento de si, pois o tempo todo ouvimos expressões do tipo: eu não quis, eu sou assim, eu não casei, eu

mesma torro o café, eu gosto, eu gosto muito de viajar... Esse assenhoramento é percebido até mesmo quando a interlocutora se refere a ações que para ela ainda não conseguiu fazer ou ser, por exemplo, quando diz que só usa o áudio do celular, ou quando afirma que é muito tímida. Isso é muito interessante, pois percebemos uma perspectiva, uma posicionalidade, a afirmação de um ser em contraponto a uma interdição discursiva, a um silenciamento imposto às mulheres, como nos afirmam, a respeito de formas de interdição/subalternização, os teóricos Foucault (2000) e Spivak (2010).

Dessa forma, vamos percebendo as idiossincrasias da vida no campo e dos sujeitos que nele vivem, inclusive as mulheres idosas ou velhas, como denominam as pesquisas que desconstroem o sentido negativo atribuído à velhice, ao próprio termo velha, como nos diz Britto da Motta (1998).

Pensando nisso e ouvindo *Catui*, recortamos o seguinte trecho de sua narrativa:

Nunca ninguém me perguntou sobre minha vida, mas estou até gostando de falar, sou muito calada, só sei trabalhar em casa e ajudar a cuidar dos meus netos. Tive 6 filhos, 5 homens e uma mulher. E hoje estou com 09 netos... Meu marido ainda trabalha na roça mesmo que já está aposentado. Não aguenta muita coisa mas os filhos ajudam a cuidar da roça. As galinhas e os porquinhos eu que cuido. E a horta de ervas medicinais que minha vizinha me ajudou a fazer eu cuido também. Sempre temos um frango caipira para comer com o godó aos domingos na casa de Arábica lá nos juntamos todos, meus filhos e netos não vão lá em casa sem antes passar na casa de Arábica e Kona. Nós somos muito unida. E ainda temos um único irmão homem vivo, Café, que mora com Arábica e Kona. As terras dos nossos irmãos que morreram foram vendidas para pessoas de fora, mas gostamos muito dos nossos vizinhos que sempre almoçam com a gente. Vemos fotos,

contamos histórias, falamos de política, por que temos um irmão metido a político kkkkk... Temos sobrinhas professoras, outras que trabalham na igreja e temos uma sobrinha neta que trabalha de guia nas cachoeiras... (Catuaí, 79 anos, aposentada rural).

Como podemos notar, *Catuaí* começa sua narrativa falando justamente do fato de ninguém nunca ter se interessado em saber sobre sua vida, em lhe ouvir. Isso mostra como o desvalor é comum para com mulheres idosas-velhas, em geral, ainda mais se são da zona rural. Os preconceitos de gênero, geração, regionalidade vão se somando e, com isso, aumentando o grau de subalternização, de inferiorização-exclusão. *Catuaí* ainda afirma: “mas estou gostando de falar”, ou seja, como é importante reconhecer o outro, a importância do outro, como o outro sempre tem algo a dizer. Neste caso, como isto é perceptível, como elas também vão se percebendo, se reconhecendo com saberes, com significância. Isto, inclusive, está nos seus movimentos, embora muitas vezes acabe repetindo essa desvalorização construída e disseminada.

Observamos isso quando *Catuaí* afirma: “sou muito calada, só sei trabalhar em casa e cuidar de meus netos”. Essa afirmação pode beirar um desvalor, um não reconhecimento dos seus outros fazeres e saberes, visto que, por exemplo, *Catuaí* também cuida roça, da horta, tão importante para alimentação. *Catuaí* nos ensina a importância da solidariedade, o trabalho com os outros, o trabalho com os vizinhos, a cooperação, que é um valor de vida importante, que foi apagado pelo modo de vida capitalista, pela economia do capital, como nos afirma Singer (1998).

Em contraponto, Debert (2000) aponta que classificar os indivíduos por períodos etários, é algo importante em diferentes sociedades, pois identifica as diferentes formas de sociabilidade dos indivíduos nos contextos sociais distintos. A autora formulou a expressão nos cursos da vida, que serve para caracterizar etapas

mediadoras entre a idade adulta e a velhice, tais como a meia-idade, a terceira idade e a aposentadoria ativa. Essas fases são características das sociedades modernas e geram demandas, atores políticos e mercados de consumo específicos.

Para Debert (2000, p. 301), o termo terceira idade, muito utilizado por estudiosos e pela mídia, tem para ela um sentido diferenciado. Diferente da visão depreciativa que adquiriu ao passar dos anos, terceira idade, para essa autora, tem muito mais a ver com juventude que com velhice. Considerando os apontamentos da estudiosa em questão, julgamos que abordar a questão da terceira idade é engendrar diversos discursos, até mesmo aquele reproduzido pela mídia, e trabalhar com a questão dos novos espaços de sociabilidade. O grande avanço nessas análises, é pontuar que a idade não é definidora de comportamentos e estilos de vida.

Sobre a memória, observamos que para Bosi (1994), por meio desta, os “velhos” - termo utilizado pela autora em toda obra - passam horas e horas falando de suas lembranças. Para ela, seria necessário um escutador infinito, já que lembrança puxa lembrança e algumas falas foram realizadas fora do momento da entrevista, em conversas informais, durante o cafezinho, no jardim, no portão, enfim, salienta que ao serem instigados para falar sobre passado os indivíduos buscam mais e mais lembranças em suas memórias.

Portanto, Thompson (1992) diz que por meio da história e da memória, as pessoas comuns costumam compreender as revoluções e mudanças a qual passam em suas próprias vidas: transformações sociais e mudanças tecnológicas. Vera Brandão (2008), pesquisadora da temática velhice, vai nos dizer com seus estudos, que retomar nossa memória implica em um movimento identitário, pois nos permite perguntar quem fomos-somos, como

também, acrescentamos, quem podemos ser, como estamos sendo.

Assim, nesse movimento de ouvir o outro, nesse caso mulheres velhas-idosas-da terceira idade, do campo, percebemos também que não só nós vamos revisando nossos saberes, propagando reflexões textuais, mas elas também vão sendo levadas a falar, a se revisar-rememorar, afirmar, construir pontos de vista, construir narrativas sobre si, construir a si.

Nessas narrativas, ficou clara a relação da memória e trabalho, bem como a da memória e gênero, visto que, à mulher, como sabemos, eram reservados, em geral, alguns postos ou obrigações, como o de ser mãe, esposa e dona de casa.

Eu gosto de trabalhar na roça até hoje, mesmo que minhas irmãs digam que estou velha para isso, pois tenho 73 anos. Mas me sinto bem para trabalhar. Meu marido também trabalha na roça. Nois cuida da roça de café e fazemos tudo... Tenho uma filha que se formou professora, mas não ensina porque o antigo prefeito fechou a escola aqui da comunidade, temos lutado muito para que se abra de novo. O marido da minha filha foi embora, bebia muito e falou que estava depressivo... eles tem um filho de 10 anos. Só tenho ele de neto, mas me ajuda muito em casa e na roça. Milha filha também trabalha na roça. Queria tanto que ela voltasse a ensinar, pra isso ela formou. Casei bem velha, por que meu pai não deixava ir nas festas. Só achei namorado quando fugi um dia com Kona para ir numa festa na cidade e tinha uns rapazes de outra cidade lá. Mas meu pai só deixou casar se ele viesse morar na comunidade. Filha dele não podia morar longe da família (Bourbon, 73 anos, aposentada rural).

Nessa narrativa de *Bourbon*, o gesto de rasura se efetiva através da fuga, ou seja, quando esta foge de uma interdição patriarcal, para realizar os seus desejos. Apesar da rasura, a narrativa de *Bourbon*, nos confirma como a discursividade

patriarcal exerce um cerco, policia, aprisiona, pois *Bourbon* afirma que casou velha, visto que não saia para as festas, o pai-patriarca não deixava e somente encontrou um namorado, quando fugiu com a irmã, para uma destas festas. Depois, vemos a imposição para morar perto dele, do pai, que é diferente de um pedido para que isso pudesse ocorrer.

Essa rasura, pirraça, fuga de um texto que prescreve o não direito a ter direitos, vai sendo exercida por essas mulheres nos outros romances de suas vidas, vamos começando a perceber, quando ouvimos suas narrativas, vamos percebendo, portanto, seus movimentos de protagonismos, a própria narrativa de cada uma já é um ato de pirraça que acalenta outros caminhos, reivindicações, possibilidades abertas, demandadas pelos próprios saberes de vida que encenam.

Bosi (1994) resgata Walter Benjamin, pontuando o papel que assume o narrador. De acordo com Benjamin, segundo Bosi (1994), o narrador conta o que ele tira da experiência – sua própria ou aquela contada por outras pessoas. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história. Parece-nos então que a memória surge como um instrumento eficaz para fazer história, fazer ciência, colocar os indivíduos em contato com sua vida passada, resgatar ideias, valores e ideais. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam e viveram outras experiências. No nosso caso específico, estamos lidando com mulheres que continuam trabalhando, encenando experiências, que na tessitura de suas narrativas, ao passar pelo crivo de suas memórias, confrontando passado e presente, fazendo devir, também nos servem de experiências, de saberes experienciais que nos colocamos a pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível perceber que a articulação desse tema com as narrativas das vivências, memórias e trajetórias se constitui a partir do reconhecimento de que as pessoas são fruto de uma história social, de acontecimentos e de determinado contexto, portanto, carregadas de experiências e memórias históricas.

Assim, ao narrar aspectos de suas vivências passadas, as mulheres entrevistadas foram se descobrindo, se posicionando, se ressignificando, interpretando seu próprio passado. Portanto, quando no fluir histórico os detalhes circunscritos às privacidades do indivíduo, pouco a pouco transitam o terreno da vida social sob a forma de narrativas de vida, vemos as escritas de si gradativamente ascender a novos horizontes de contemplação, permitindo o reconhecimento de um valor (auto)biográfico em percepção estética.

O trabalho dessas mulheres, na roça e em casa, embora árduo e imprescindível, era, e, muitas vezes, ainda é considerado “invisível”, pelo fato de não ser percebido como produtivo, ou, ser caracterizado como “parte integrante das atribuições naturais da mulher”. As tarefas cotidianas realizadas pelas mulheres no serviço da casa eram ainda mais pesadas do que atualmente, se lembrarmos que as casas, em geral, não contavam com eletricidade, gás e água encanada, por exemplo.

Pensamos ainda, que ao ouvir as narrativas das histórias de vida dessas mulheres e focalizar suas memórias não estamos simplesmente contando as suas “histórias”, mas buscando trazê-las, enquanto sujeitos históricos, entendendo as relações sociais no interior das quais viveram-vivem.

Assim, é fundamental exercer esta escuta sensível, perceber estes sujeitos como sujeitos de direitos, estas mulheres como pessoas que estão vivas, que tem sonhos, desejos, tem uma

atividade política, que, acima de tudo, tem encenado saberes experienciais, que muito tem a nos ensinar, a nos possibilitar refletir sobre a vida, sobre a importância dos mutirões, das reuniões com a família, com os vizinhos, do café com uma conversa etc. Isso tem nos semeado *Kona, Arábia, Catuaí e Bourbon*, visto que tem nos ensinado, como uma forma de nos chamar a atenção, em consonância com tudo o que foi dito, sobre a importância de saber com-viver.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Velhice na contemporaneidade*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). Família e envelhecimento. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*, Volume 1, 7a ed. Editora Brasiliense – p. 15, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, V. M. A. T. *Labirintos da memória: quem sou eu?* (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano). São Paulo: Paulus. 2008.

BRITTO DA MOTTA, A. *Chegando pra idade*. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. cap.9, p.223-235.

CRESWELL, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

DEBERT, Guita, G. *Terceira idade e solidariedade entre gerações*. In: DEBERT, Guita, G; DONNA, M. Goldstein (Orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

DEBERT, Guita. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo. Edusp; FAPESP, 2004.

SINGER, Paul. *Uma utopia militante: repensando o socialismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.